

Para impedir a produção agrícola

BA's minam machambas e atacam camponeses

N. 21/1/88

♦ Vítimas relatam acções terroristas na Zambézia

por Paul Fauvet, da AIM

Em Outubro do ano passado o pequeno Dinis Fernando, de dez anos de idade, trabalhava na machamba de seus pais no distrito de Mocuba, provincia da Zambézia, quando a sua enxada bateu num objecto metálico. O objecto explodiu. Era uma mina. Os estilhaços encrustaram-se na sua face desfigurando-a terrivelmente. Hoje, três meses volvidos, a sua face foi tratada mas uma ligadura em toda volta, debaixo do queixo e sobre a cabeça, parece ter como função principal ajudar o maxilar inferior a sarar. Toda a parte direita da face está desfigurada, as moscas pousando sobre marcas de sangue pisado e pus ao lado da sua vista direita agora inutilizada. Mal pode falar. Foi seu pai que nos contou o que se passara.

Encontramos o pequeno Dinis e o pai num abrigo junto aos armazéns pertencentes ao Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades

das atrás das costas, e pôs-se à procura de ajuda.

Após tratamento em Quelimane, Domingos aguarda em Nicoadala uma

Mário Labisone, de 18 anos, trabalhava em Novembro numa machamba, também em Alto Molócué, quando um grupo de bandidos armados o surpreendeu a ele e seu irmão. Não exigiram nada. Apenas gritavam: Vocês todos são da Frelimo, vamos vos matar.

Um deles atacou Mário com uma catana, atingindo-o repetidamente no pescoço e ombros. Uma das catanadas levou-lhe uma parte da orelha direita. Deixaram-no a sangrar e inconsciente no solo. Mário pensa que o deram como morto. As feridas no pescoço já sararam mas as marcas ainda lá estão.

casa de sua mãe junto à margem norte do rio Zambeze, no distrito de Chinde. O ataque à aldeia da mãe feito pelos bandidos armados tinha como objectivo central a pilhagem. Não disseram nada, recorda ele, bateram-me com a catana, não pediram nada. Levaram a roupa da minha mãe.

Os serviços de Saúde têm feito o que podem por todas estas vítimas. Entretanto, aguardam transporte nos comboios de viaturas que vão para o norte. Para aqueles que querem regressar a Alto Molócué, 220 quilómetros para nordeste. Isso não será fácil, pois o tráfego ao longo desse distrito é muito irregular.



Elementos da população de Nicoadala em constante movimentação como consequência da acção inimiga. (Foto de Joel Chiziane, da AIM)

Naturais (DPCCN) na pequena cidade de Nicoadala, cerca de 40 quilómetros a norte da capital provincial. Quelimane. Dinis foi tratado no hospital de Quelimane. Hoje, ele e o pai aguardam transporte de regresso a Mocuba.

O objecto que desfigurou esta criança era uma mina anti-pessoal. Os bandidos armados apoiados pela África do Sul têm como prática corrente deixar este tipo de minas em zonas onde os camponeses as podem fazer explodir inadvertidamente. Isso faz parte de uma estratégia para empurrar os camponeses para as cidades e outros centros urbanos já de si sobrepopulados.

Há outras vítimas dos bandidos em Nicoadala, todos esperando transporte de regresso às suas zonas de origem. De Nicoadala partem comboios de veículos com destino a distritos situados mais a norte na provincia da Zambézia.

Domingos Chaumaque, de 30 anos de idade, foi baleado no pescoço quando um grupo de bandidos atacou a sua aldeia no distrito de Alto Molócué, o ano passado. Atacados pelo facto de seu cunhado ter conseguido fugir, os bandidos amarraram Domingos e então balearam-no.

Caiu e os bandidos parece terem-no dado como morto. Quando Domingos acordou, a sua casa estava deserta. Os bandidos tinham-se ido, levando consigo a mulher de Domingos, os seus filhos e todas as suas posses. A bala não atingira a coluna vertebral. Ele conseguiu arrastar-se para fora de casa, as mãos ainda amarra-

maneira de poder regressar a Alto Molócué na esperança de encontrar viva a sua família.

Alberto Lugení, 16 anos, está também a recuperar de feridas de catana. Em Novembro estava de visita à